

O viver e o sobreviver da fronteira Paraguai–Brasil: mercado, nacionalidade e trabalhadores

Cíntia Fiorotti Lima

Secretaria de Educação do Estado do Paraná

cintiafiorotti@hotmail.com

Introdução¹

Nas entrevistas com os vendedores em lojas e ambulantes em Salto del Guairá² e com os atravessadores de mercadorias na fronteira entre

1. Este texto é parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado.

2. Em 1997 a população de Salto Del Guairá era de 12.000 habitantes. Pertence ao departamento de Canindeyu que conta com aproximadamente 145.841 habitantes, estando 83% destes, também localizados nas áreas rurais. DGEE/STP, dados referentes ao ano de 2007. Disponível em: <<http://www.dgeec.gov.py>>. Acesso em 04 de outubro de 2010. Na década de 2000 a prática crescente de atividades comerciais em Salto del Guairá relacionadas à venda de produtos importados pelo Paraguai oriundos de países como China, Coreia e Indonésia aumentou significativamente o número de lojas (no ano de 2006 haviam 200 lojas, passando em 2010 a 1.300 lojas), de trabalhadores e o fluxo comercial com as cidades brasileiras Guaíra e Mundo Novo. O número de habitantes em Salto del Guairá chegou a triplicar nesta década.

este município e as cidades brasileiras de Guaíra³ e Mundo Novo⁴, emergiram referências a conflitos em torno da concorrência entre os trabalhadores de nacionalidades diferentes e entre os proprietários de lojas. Tais conflitos foram expressos quando descreviam sobre as condições vividas em suas ocupações e as dificuldades enfrentadas ao buscarem nessa fronteira formas de sobrevivência.

Ao tentarmos compreender estes conflitos, analisamos como a relação estabelecida pelos trabalhadores com a nacionalidade amarra-se também com as próprias relações de mercado estabelecidas nesta fronteira. Estas relações não são harmônicas. Por exemplo, um projeto de cidade pensado por parte do empresariado local junto ao poder público municipal entra, por vezes, em conflito com a presença de trabalhadores de diferentes nacionalidades que vivem neste lugar. Há, igualmente, os conflitos entre uma parcela dos empresários locais de Salto del Guairá e investidores oriundos de outros países com diferentes expectativas com relação ao trabalho nesta fronteira⁵.

Para entender sobre qual a importância da relação de mercado nos conflitos que emergem nas relações sociais vividas cotidianamente pelos trabalhadores, recuperamos uma parte do desenho de como este mercado se configura nesta cidade fronteiriça. Também se trata de compreender as diferenças entre a fronteira almejada por parte deste

3. Em 2010, Guaíra contava com 30.669 habitantes. Localiza-se à > margem esquerda do Rio Paraná no extremo oeste do Estado. Foi > declarada como município em 1952, em alguma medida, resultando dos > interesses do governo federal em aumentar o controle da divisa com > Salto Del Guairá/Paraguai e com Mundo Novo, estado do Mato Grosso > do Sul/BR.

4. Localizado ao sudoeste do Mato Grosso do Sul/BR, Mundo Novo contava com 17.043 habitantes em 2010. Teve sua emancipação como município em 1977.

5. Nem todo empresariado local de Salto del Guairá (proprietários de lojas tanto de nacionalidade paraguaia quanto brasileira que residem ou residiram em Salto del Guairá e atuam desde 1970, 1980 e 1990 no comércio de produtos importados) possuem as mesmas expectativas sobre o projeto de cidade direcionado ao turismo comercial.

empresariado local e do poder público municipal de Salto del Guairá e as relações sociais vividas pelos trabalhadores. Uma das fontes de pesquisa utilizadas para estudar esse processo foram as reportagens veiculadas na imprensa local entre os anos de 1990 e 2010, além das entrevistas realizadas com proprietários de lojas e com trabalhadores envolvidos como vendedores ou ambulantes em Salto del Guairá.⁶

6. Para esta pesquisa tornou-se fundamental o uso das fontes orais. As entrevistas visaram valorizar a subjetividade trazida pelos sujeitos pesquisados a respeito de suas trajetórias de vida e trabalho e das relações culturais e sociais com a fronteira. Ao longo da pesquisa foram realizadas entrevistas com trabalhadores de nacionalidades brasileira, paraguaia e argentina, moradores de Guaíra, Mundo Novo e Salto del Guairá. Entre os 31 entrevistados estão: 13 vendedores formais e/ou informais em lojas de importados em Salto del Guairá, sendo a maioria deles atravessadores de mercadorias na fronteira; 01 vendedor ambulante em Salto del Guairá; 01 ex-atravesador de cigarros; 01 policial federal aposentado; 02 militares reformados do Exército; 01 ex-funcionário da Receita Federal; 01 funcionário da Receita Estadual; 01 jornalista; 05 proprietários de lojas de importados em Salto del Guairá; e 05 moradores que viveram ou vivem entre essas cidades nas proximidades dos portos de travessia onde são passadas mercadorias. Como pseudônimos aos nomes dos entrevistados, utilizamos nomes de cantoras, jogadores e técnicos da seleção brasileira de futebol que atuaram a partir da década de 1960. Os entrevistados foram selecionados seguindo alguns critérios, tais como ocupação relacionada ao comércio na fronteira e o tempo de residência em alguma das cidades. Contudo, cabe ressaltar que tais critérios dependeram, em alguma medida, de minhas relações sociais de amizade e das relações entre os próprios entrevistados que indicavam outras pessoas. Houve elaboração prévia de roteiros de acordo com o perfil profissional de cada entrevistado. Porém, os roteiros não foram seguidos exatamente conforme o planejamento inicial. Novas questões foram levantadas conforme o andamento das entrevistas.

A pesquisa com os jornais locais O Paranazão/ Rio Paranazão, entre 1996 e 2015, ocorreu devido à circulação que possui entre as três cidades fronteiriças e por seus editores e correspondentes serem moradores de uma dessas cidades. Ainda, foi escolhido por possuir a característica do olhar de pessoas que moram e trabalham como jornalistas na região e, também, por expressar muitos dos anseios das classes dominantes locais. Por isso, o jornal foi percebido como mais significativo para os interesses da pesquisa quando comparado a outro jornal local ou a jornais de circulação regional e nacional.

Disputas pelo comércio na fronteira: mercado e nacionalidade

Em 02 de maio de 1997, o jornal *O Paranazão*, com circulação entre as três cidades fronteiriças, trazia na página destinada às notícias de Salto del Guairá a seguinte matéria:

Salto del Guairá a melhor opção de compras. O progresso ao olho nu.

Salto del Guairá, transformado num grande atrativo para investidores, não só do Brasil mas também dos cinco continentes. [...] Salto del Guairá-PY, Guaíra-Pr e Mundo Novo-Ms, fazem uma trilogia com miras no futuro, nesta paragem de compras e ecologia, elas, fazem florescer uma mistura sem precedentes de fascínio para os turistas. A união espiritual destas três cidades ligadas pela solidariedade fará desta, um povo só que luta por ser reconhecido pelo que vale. A coragem de sobreviver fez que Salto del Guairá seja o destino de comprar mais procurado pelos amantes do melhor. Por isso, novos prédios estão-se construindo espalhados pela pequena cidade, mas não são só as compras que fazem de Salto del Guairá uma promessa de boas compras. É o calor humano que impregna cada negociação, a segurança, a hospitalidade do povo paraguaio que está atento em agradar o visitante⁷.

A tentativa de construção de uma vocação turística para o comércio de mercadorias importadas é redesenhada para Salto del Guairá, principalmente na década de 1990, período posterior a formação do Lago de Itaipu. Entre os anos de 1970 a 1980, a vocação turística atribuída à cidade voltava-se para o turismo de contemplação a *Salto Siete Quedas*. Consequentemente, associava-se a este trânsito de vi-

7. Nesta matéria, o diretor responsável era Ademir Brito dos Santos. *Salto del Guairá a melhor opção de compras. O progresso ao olho nu*. Jornal *O Paranazão*, 02 de maio de 1997. p. 8. A produção da matéria está em português, mas apresenta alguns termos em espanhol. Existe a possibilidade de ter sido escrita em espanhol e traduzida para o português.

sitantes, oriundos tanto do Paraguai quanto do Brasil, as compras no comércio de mercadorias nacionais e importadas⁸.

Embora nas décadas de 1970 e 1980 a cidade apresentasse o desenvolvimento deste turismo de contemplação e de comércio de mercadorias importadas, sua economia concentrava-se na presença de serrarias, extração de madeiras, palmito e na monocultura da soja, principalmente por brasileiros. Desta forma, “coragem de sobreviver” e “solidariedade” são recursos usados na tentativa de manutenção do comércio nos anos seguintes ao final da década de 1980, quando há redução do fluxo de consumidores nas lojas de importados da cidade. Já “segurança” e “hospitalidade” significaram tentativas de elaboração de um suposto diferencial para a cidade desde 1990, quando o país já tem como referência de centro de compras de produtos importados o município de Ciudad del Este.⁹

No acervo deste jornal encontramos esforços por parte do poder público das três cidades e de parte dos empresários locais em organi-

8. O processo de construção da Usina Hidroelétrica Itaipu Binacional nas décadas de 1970 e 1980, contou com a formação do Lago de Itaipu em 1982, inundando uma extensa área de terras e, dentre outras consequências, alterando a paisagem natural onde localizava-se a chamada “Sete Quedas”. São referências as entrevistas com proprietários de lojas em Salto del Guairá, como a entrevista com Rosa, 70 anos, nacionalidade paraguaia, e as obras de memorialistas, tais como a professora SOTO, Fernanda Feiliú. Canindeyu-Zona Alta. *Los Brasiguayos*. Asunción: Imprenta LEO S. R. L., 2004.

9. Nas propagandas distribuídas em hotéis e restaurantes voltadas para o público consumidor oriundo de Guaíra, Mundo Novo e cidades próximas a fronteira, são trazidas as localizações da Avenida Paraguay, principal rua comercial de Salto del Guairá, das lojas patrocinadoras e de alguns pontos de referência de órgão públicos e privados desta cidade e de Guaíra. Em 1997, ano da inauguração de um dos primeiros shoppings em Salto del Guairá, os comerciantes e o mercado imobiliário local previam o crescimento urbano e comercial da cidade no sentido da fronteira com Mundo Novo (MS). Isto devido à construção da ponte Ayrton Senna que liga os dois estados brasileiros: Paraná e Mato Grosso do Sul. Fonte: *O Paranazão*. Imagem com mapa de propaganda para turismo comercial Guaíra, 25 de julho de 1997. Sem autor.

zar reuniões de debates para pensar ações que promovessem os aspectos econômicos oferecidos pela região. Estes conteúdos sobre a suposta integração e harmonia das relações entre as cidades fronteiriças são encontrados tanto em português quanto em espanhol. A construção da imagem de harmonia entre empresários, trabalhadores e consumidores de nacionalidades diferentes carrega elementos das propagandas de “integração” difundidas com o MERCOSUL. Neste momento, nas matérias pesquisadas, a nacionalidade é recuperada para agregar qualidades a trabalhadores paraguaios e brasileiros sem diferenciá-los.

Contudo, as imagens construídas sobre o viver nesta fronteira também entram em contradição com as demais notícias que são veiculadas por este meio de comunicação. O jornal traz, nas mesmas edições, as propagandas sobre uma suposta harmonia e matérias abordando sobre a necessidade brasileira de debater e ter ações voltadas para a “segurança de fronteira”, o “comércio ilegal de madeiras” e o “andamento de obras na região de fronteira junto aos impactos socioeconômicos”¹⁰. Quando a pauta do jornal reforça os interesses trazidos

10. Autor não identificado. *Comitê permanente de fronteira*. Jornal *O Parana-zão*, 27 de junho de 1997. P. 05. Edições nº01 a nº50. Período de debate do Projeto de Lei n. 2.304/96, proposto pelo deputado Federal Maurício Requião, nele é proposto que “o congresso nacional decrete a criação de uma área de Livre Comércio ALC em Guaíra, com a finalidade de promover o desenvolvimento econômico e social deste município e das regiões vizinhas”. Abaixo o conteúdo do projeto: “Art. 4º A entrada de mercadorias estrangeiras de livre comércio far-se-á com a suspensão do Imposto de Importação e d Imposto sobre Produtos Industrializados, que será convertida em isenção quando as mercadorias forem destinadas a: I – consumo e vendas internas na área de livre comércio; II – beneficiamento, em seu território, de pescado, pecuária, recursos minerais e matérias-primas de origem agrícola ou florestal; III – agropecuária e piscicultura; IV – instalação e operação de serviços de turismo ou de qualquer natureza; V – estocagem para comercialização no mercado externo; VI – industrialização de produtos em seu território.” REQUIÃO, Maurício. Projeto de Lei 2.304/96, de 20 de agosto de 1996. Disponível em: www.camara.gov.br. Acesso em maio 2015. De modo geral, tal projeto foi apoiado inicialmente por vá-

pelas diferenças econômicas e políticas entre as três cidades e seus respectivos países, os conflitos sociais e as desigualdades ganham maior evidência¹¹.

O planejamento para Salto del Guairá, voltado para o turismo comercial, ganhou diferentes sentidos quando junto a este projeto também entrou em disputa o mercado em torno da venda de produtos importados. Na década de 1970 e 1980, havia poucas lojas de venda de produtos importados em Salto del Guairá. Estas se organizavam com o abastecimento de mercadorias vindas de importadoras que já dominavam o mercado em Ciudad del Este. Muitos destes comerciantes se abasteciam também com a compra de mercadorias de lojas em Ciudad del Este e em Asunción.¹²

A entrevista realizada com uma proprietária de loja de nacionalidade brasileira junto ao seu filho, que atuam no comércio em Salto del Guairá desde a década de 1960 (tendo já comercializado alimentos, tecidos, eletrônicos e ferramentas), expressa um pouco como este empresariado local percebeu parte destas mudanças:

rios deputados, mas depois ele foi barrado devido as influências políticas de uma parcela dos empresários que teriam seus interesses econômicos lesados.

11. Autor não identificado. *Fronteira Brasil-Paraguai: Integração aduaneira trará prejuízos para Guairá*. Jornal *Rio Paranazão*, 11 de julho de 2003. p. 10. A integração aduaneira, de modo resumido, foi uma tentativa de formar em cidades fronteiriças uma aduana integrada envolvendo, entre outros, funcionários públicos da receita federal de ambos os países. No caso de Guairá e Mundo Novo, a sede desta aduana seria em Salto del Guairá, chegando a ter sido construída parte da obra. Esta aduana, por vezes, facilitaria a liberação de cargas que sairiam do Paraguai, sem passarem pelo tempo de demora que teriam na aduana brasileira. Porém este projeto não se consolidou. Entre os motivos, identificamos tanto pelo impacto que isto geraria na economia das cidades fronteiriças, quanto na dificuldade de muitos fiscais de nacionalidades diferentes trabalharem em conjunto, com políticas e Leis específicas de cada país.

12. Isto é expresso nas entrevistas com os proprietários de lojas, Edu, 50 anos e Rosa, 70 anos, ambos de nacionalidade paraguaia, residentes em Salto del Guairá. Entrevistas gravada em outubro de 2013 em Salto del Guairá. Falas traduzidas durante a transcrição da gravação.

Mãe: [...] Antes, estoque não existia. Era só pra ter o teu produto e vender para algumas pessoas. Não fazem muito tempo que foi descoberto Salto, acho que fazem uns 8 ou 10 anos por aí.

Filho: Faz mais, uns 15 anos.

Mãe: Que foi descoberto mesmo não, com os árabes. Porque não fazem muitos anos que foi descoberto Salto, que entrou os árabes.

Filho: Foi a partir de 2000 pra frente, na copa de 1998 começou a chegar gente com loja. Naquela época a gente vendia tecido e eletrônicos e o pai voltou com a barbearia. Tava em crise até 2005, nós ficamos passando fome [...] Ferramentas foi em 2005¹³.

Maria Cleuza e sua família, como imigrantes brasileiros, experimentaram melhoras financeiras em suas vidas quando houve condições econômicas favoráveis para exploração do turismo comercial em Salto del Guairá. Já a mudança percebida no padrão de vida da família, em conjunto a mudança do tipo de mercadoria comercializada na loja, esteve associada a dois momentos: 1º) quando ocorre a expansão comercial da cidade com a abertura de novas lojas, principalmente por empresários brasileiros¹⁴; e 2º) quando ocorre a ampliação da presença de muitos investidores estrangeiros, como libaneses e chineses, sendo que grande parte deles já possuíam mercado em Ciudad del Este¹⁵.

13. Maria Cleuza, 63 anos, nacionalidade brasileira e residente em Salto del Guairá e em Mundo Novo. Entrevista gravada em outubro de 2013, realizada em Salto del Guairá/PY.

14. Por exemplo, a loja Bless Import de proprietários brasileiros tendo uma loja inaugurada em 1997 e outra em 2010. Já o Shopping China, possui proprietários de nacionalidade paraguaia, inaugurado em Salto del Guairá em 2006, decorrente de uma empresa grande de Pedro Juan Caballero iniciada em 1933 que também se expandiu em 2006 para outros países na América do Sul como Bolívia e Uruguai.

15. São exemplos, o Shopping América e o Shopping Mercorsur. O primeiro foi inaugurado em 2008, com investimento de chineses e sul-coreanos que já possuíam mercado em Ciudad del Este. O segundo, inaugurado em 2013, com investidores de origem libanesa, grupo Colise, que também já possuíam negócios em Ciudad del Este.

A entrada de outro perfil de investidores marcou tanto o declínio como a ascensão econômica de Maria Cleuza e sua família. A chegada a Salto del Guairá de investidores oriundos de outros países e/ou com mercado já estabelecido em Ciudad del Este, trouxe para pequenos comerciantes maior fluxo de consumidores na medida em que melhorou a estrutura local. Posteriormente, os migrantes trouxeram para parte do empresariado a necessidade de reorganizar o comércio para se manterem no mercado. Isto ocorreu quando não conseguiram concorrer com os preços destes investidores de maior porte e com o aumento significativo de pequenas lojas oferecendo praticamente os mesmos tipos de mercadorias.

No caso de Salto del Guairá, as décadas de 1990 a 2000 ainda eram marcadas por um mercado onde poucas importadoras controlavam a entrada e os valores dos produtos a serem comercializados. São poucas as empresas que conseguem adentrar este meio, conseguindo comprar direto de importadoras, ou mesmo realizar acordos com importadoras ou com associações para terem melhores margens de lucros na compra e venda de produtos importados. Com a expansão comercial da cidade, houve uma parcela do empresariado local que conseguiu se reorganizar economicamente para concorrer com os investidores de maior potencial econômico. Por exemplo, as empresas que conseguiram abrir seu capital¹⁶. No entanto, ainda há pequenos comerciantes que não conseguem comprar de importadoras as mercadorias ofertadas por eles em suas lojas, exigindo a comercialização com distribuidoras intermediárias, comprando de lojas em Ciudad del Este ou em outras cidades de ambos os países.

16. Uma destas lojas é Queen Anne, iniciada em 1970 como Comercial Salto del Guairá. Continuou com os filhos dos primeiros proprietários em 1978, chamando-se Casa Queen Anne, passando à sociedade anônima em 2000 como Queen Anne S.A.

Em meio a este cenário, apenas grandes empresas dominam o mercado de importação exclusiva de algumas mercadorias para Salto del Guairá. Sobre tal questão, alguns vendedores relataram como suas comissões oscilavam de acordo com o controle desta circulação de mercadorias:

As mercadorias que são de importadoras locais, você vai ganhar 0,3%, e tem muita importação que é deles mesmo. Nestas mercadorias, você vai ganhar 5% a 7%. A diferença, é que nem o Johnnie Walker, é uma marca que tem uma importadora que é só eles que trazem no Paraguai. [...] Eles têm os esquemas deles, de trazer mercadorias que são exclusivas de importadoras locais, mas eles conseguem trazer.¹⁷

Ao descrever como sua remuneração é composta, o entrevistado traz elementos sobre como tal controle passava de relações formais com as importadoras até os meios informais, “esquemas”. Isto garantia a empresa onde trabalhava uma oferta “salarial” maior que as demais lojas em Salto del Guairá.

Quem controla o acesso à entrada e à distribuição das mercadorias aos lojistas em Salto del Guairá, controla também a garantia de um melhor posicionamento neste mercado de vendas de produtos importados. Isto é um dos mecanismos usados para tentar controlar o preço de revenda que outras lojas concorrentes também oferecem. Tão importante quanto conseguir o monopólio da importação e distribuição das mercadorias é conseguir articular meios informais de concorrer com as vendas das mercadorias que tem sua importação controlada por outras empresas. Para além disso, conforme a pesquisa realizada, estas empresas possuem mecanismos de vendas e transporte, entregando diretamente as mercadorias no Brasil sem passar pelo balcão

17. Dario, 26 anos. Entrevista gravada em maio de 2013 em Guaíra-PR.

da loja e muito menos pela regularização da exportação e importação entre os dois países.

Como o controle do mercado de importação de produtos de alta rotatividade, tais como, informática, eletrônicos e bebidas está nas mãos de grupos de grandes investidores, tendo a maioria deles organizados em associações, outras empresas locais de Salto del Guairá com capital necessário para firmar acordos de importação buscam oferecer mercadorias diferenciadas. Por exemplo, a referência feita por uma das empresárias entrevistadas.¹⁸

O controle da entrada e distribuição das mercadorias importadas ao Paraguai que chegam a Salto del Guairá por parte de grandes capitalistas terá impacto sobre as pequenas lojas excluídas dos mesmos benefícios obtidos por eles. Uma das vendedoras entrevistadas, Morena, destacou como a entrada ilegal de produtos importados do Brasil para o Paraguai também é uma prática comum entre alguns dos proprietários de lojas. As lojas menores recorrem a vendas de algumas mercadorias oriundas do Brasil, não comuns nas prateleiras das grandes lojas, como forma de se manterem no mercado oferecendo produtos diferenciados das demais lojas de importados. Assim, Morena descreve:

[...] Ali em Salto, vão viajar no máximo pra São Paulo, pra vender as coisas ali no Paraguai. [...] No caso das bolsas mesmo, as bolsas do Paraguai são quase tudo de São Paulo. Se você for comprar tem do Paraguai mesmo, só que o material é inferior, já as de São Paulo são melhores, mais bonitas e mais caras. Os donos de loja em Salto, vão a São Paulo e pegam bolsas e bijuterias pra vender aqui, não

18. “[...] Hoje ela, é a única importadora de tapetes direto da China, ela foi pra lá e negociou com importadora de tapete, flores e vasos chineses, ela é a importadora. Igual a dona Nilda, ela tem uma marca, uma qualidade de bolsa que é a única que importa”. Nara, 73 anos. Entrevista gravada pela autora em agosto de 2013 em Guaíra-PR.

paga imposto nem nada, só que pra passar aqui na receita é difícil, você tem que ir passando 5 peças por dia, porque se eles pegarem, tomam tudo. [...] Eu fui viajar uma vez com a proprietária da loja, ela paga o quê? R\$ 60,00 reais naquelas bolsas da Vitor Hugo e as pessoas vão lá e compram muitas pra vender em Curitiba por R\$ 300,00 a R\$ 400,00 reais, sendo que se elas fossem lá em São Paulo, elas iam pagar muito barato [...].¹⁹

Quando Morena olha para este fluxo de mercadorias na fronteira e questiona o porquê de se contrabandear para o Brasil um produto brasileiro, a entrevistada traz as contradições percebidas naquele mercado. No caso da origem das bolsas brasileiras fabricadas por força de trabalho boliviana em São Paulo e vendidas por um valor considerado baixo. Comprar estas bolsas em grande quantidade por estes valores baixos não é uma atividade tão simples de ser feita. Há redes de contatos e limites mínimos de mercadorias a serem consumidas. Ainda entra o interesse do sacoleiro em adquirir outros bens com o deslocamento até o Paraguai. O que, visivelmente, mobiliza trabalhadores “laranjas” ou “cotistas” e, ainda, beneficia o setor hoteleiro em Guaíra.

Entre os pequenos proprietários de lojas brasileiros, muitos abrem pontos comerciais em Salto del Guairá e agem informalmente na compra e revenda de muitas das mercadorias oferecidas. Conforme Morena, a mesma estratégia usada para transportar diariamente mercadorias não regulamentadas, mas dentro das cotas, do Paraguai para o Brasil, são utilizadas nesta transação de sentido contrário. A entrevista de Morena elucida como a circulação destas mercadorias e o trânsito de pessoas envolvidas nestas ocupações de “cotistas” e “sacoleiros” não acontecem somente em sentido a um país. Os trabalhadores mobilizados no comércio nesta fronteira transitam entre os limites territoriais

19. Morena, 22 anos. Entrevista gravada pela autora em maio de 2012 em Guaíra-PR.

dos países preocupados em fazer deste espaço um lugar onde a busca por sua composição da renda seja possível. Já os proprietários de lojas, visam nisto o acúmulo de capital com a revenda e a exploração da força de trabalho destes vendedores e cotistas.

Na imprensa local pesquisada são quase unânimes as matérias com denúncias sobre apreensão de contrabando de mercadorias industrializadas e vestuário no sentido Paraguai–Brasil. Não há tanto interesse por parte do Estado brasileiro em fiscalizar a saída sentido Brasil–Paraguai, pois praticamente não são parados os carros que transitam pelas aduanas brasileiras localizadas nesta fronteira. A fiscalização é visível no controle da saída em caminhões de produtos agrícolas (*in natura*) com destino ao Paraguai. Como a região tem uma alta produção agrícola, as cobranças dos impostos sobre a exportação são consideradas relevantes pelo Estado.

Ademais, estas lojas de menor porte se concentram em atender não apenas ao público consumidor oriundo do Brasil, mas também consumidores que vivem no Paraguai. Por exemplo, quando uma vendedora afirma que

No centro tinha mais cliente paraguaio mesmo, só que pra você vender no centro pra paraguaio você tem que ter coisa brasileira. Eles não gostam de comprar a mercadoria deles, porque eles não gosta de usar igual²⁰.

Nesse sentido, o diferencial das mercadorias também se torna um atrativo para estas lojas se manterem com a concorrência deste mercado em Salto del Guairá. Uma parcela do empresariado local de Salto del Guairá não conseguiu manter as margens de lucros tidas anteriormente a década de 2000. Sem estrutura econômica para concorrer

20. Diana, 24 anos, nacionalidade brasileira e residente no Paraguai. Entrevista gravada em julho de 2012 em Guaira.

neste mercado, recorreram à mudança no tipo de mercadoria ofertada em suas lojas²¹.

Este também foi o caso de Maria Cleuza e o filho que passaram a comercializar ferramentas em 2005, reorganizando, atualmente, as marcas vendidas, as porcentagens dos lucros sobre a venda das mercadorias e os métodos de venda. Sobre isto, Maria Cleuza relatou:

[...] a gente depende quase só do turismo. O paraguaio num compra, quem compra são brasileiros. [...] Meu outro filho vende só pela internet, tem um site disponível e o cliente vem buscar. Com essa concorrência, tem muita loja, está ficando difícil de trabalhar, em Salto del Guairá agora tem mais de 50 lojas de ferramentas. Tem que ter preço, e você já num ganha na mercadoria se negociar. Por exemplo, meu vizinho, se chegar um cliente meu e eu não estiver aqui, tiver ido almoçar, ele diz “ela já foi embora vem aqui que eu te atendo”. Você tem que procurar ter mercadoria uns três ou quatro meses sem que o vizinho descubra a sua marca, entendeu? Aí você pode se manter com uma marca, um diferencial. [...] A margem de lucro é bem menor que tinha antes, se você colocar mais que os 10% a 20% em cima da mercadoria, você num consegue. Se você colocar 25% você nota que teu limite já caiu. Antes do ano de 2000 conseguia colocar 100%, e, assim, e o aluguel subiu muito aqui²².

Para Maria Cleuza, o uso da venda pela internet para conseguir se manter neste mercado não era algo visualizado em outros tempos. A reorganização das vendas imposta pelas novas dinâmicas deste mercado, também impactam culturalmente na relação que ela estabelece com a decadência de seu status social e econômico na posição de em-

21. Por exemplo, a loja Infotec iniciada na década de 1970, reformulou o tipo de mercadorias comercializadas passando de uma loja que ofertava produtos artesanais nacionais e eletrodomésticos, para ofertar informática e outros eletrônicos, visando oferecer mercadorias que iam ao encontro da procura por parte dos consumidores.

22. Maria Cleuza, 63 anos, nacionalidade brasileira e residente em Salto del Guairá e em Mundo Novo. Entrevista gravada em outubro de 2013, realizada em Salto del Guairá. Maria Cleuza pode ter se sentido à vontade para fazer tais referências, por ter sido entrevistada por uma pessoa de nacionalidade brasileira.

presária proprietária de loja. Além disso, as mudanças na forma de acumulação destas empresas geraram impactos na forma como proprietários de lojas irão se relacionar entre eles e, também, com os trabalhadores mobilizados no comércio. Estas vendas pela internet aumentarão a necessidade de articulação com a força de trabalho envolvida como “cotistas” ou laranjas, barqueiros e batedores no transporte destas mercadorias na fronteira entre Paraguai e Brasil.

No caso da empresária Maria Cleuza, ao descrever o comportamento de seus vizinhos comerciantes em Salto del Guairá, busca estabelecer um marco divisor entre a mudança nas relações vividas no passado e no presente.

[...] Então lá no Brasil, meus filhos comem carne. A gente chegou aqui e não tinha comida, tinha pouca coisa. Eles escutavam a criança chorar, “ai mãe a gente quer carne”. Tinha uma vizinha minha, a Reina e o seu Flores, esses foram os que... Ele tinha um açougue e eles traziam. Ela fazia aquelas bisteconas de carne com mandioca e traziam para as crianças, eles são muito bons. Os daqui, né? Os veteranos de Salto del Guairá. Inclusive o meu marido foi homenageado como um dos veteranos. A turma de Salto del Guairá são muito solidários. Os que são estúpidos, que são racistas são esses que vem de São Pedro, de Ciudad del Este, não de Ciudad del Este não são porque estes são fronteira também, os que são também são de Asunción. [...] Classe baixa mesmo, da classe média pra cima eles já são mais solidários. Agora, o Paraguaio, o paraguaio mesmo, o do mato, aqueles “pé de chinelo”, os *cuyarê*, “do pé sujo”, que eles falam, esses são mais racistas. Agora, os daqui, não. A gente tem muitas amizades. [...] Os paraguaios daqui gostavam de casar com brasileira. A minha filha chegou a ser rainha do Clube Nacional. A gente frequentava muito a sociedade, a gente fazia reunião nas casas. A gente era mais unido. Hoje não existe isso mais. [...] Outra coisa, a pessoa vai crescendo e se entrega mais a trabalhar e não tem mais tempo pra ter amizade. A gente fazia festas, bailes. [...] Até uns 15 a 18 anos atrás²³.

23. Maria Cleuza, 63 anos. Entrevista gravada em outubro de 2013 em Salto del

A ascensão econômica por meio do comércio vivido pela família é lembrada como um tempo de “veteranos”, em que as relações sociais entre seus pares se davam de forma diferente da atual. O declínio desta condição experimentada por ela em conjunto com as mudanças vividas com o processo de acumulação de capital nesta região é denunciado por ela nas diferenças de comportamento entre os atuais comerciantes e trabalhadores com os quais ela se relaciona e disputa mercado. Por isso, para a entrevistada é importante lembrar a solidariedade e o convívio no momento da entrevista ao fazer a comparação entre o passado e os tempos vividos atualmente. Não se trata de dizer que anteriormente as desigualdades e os conflitos não estivessem presentes no cotidiano vivido por essas pessoas, mas de perceber que estes conflitos, enfatizados atualmente, são recuperados pela entrevistada para expressar as perdas de um modo de vida.

Maria Cleuza, ao fazer referências ao outro, afirma a sua nacionalidade enquanto brasileira. Para ela, a população natural de Salto del Guairá e Ciudad del Este são referenciadas com características qualitativas devido à presença de brasileiros circulando nestas cidades e tendo trocas culturais com a população local. Entre aqueles com maior poder aquisitivo estão proprietários de terras voltados para o cultivo da monocultura da soja que adentravam a estas regiões ao menos desde a década de 1950. A presença desses brasileiros em território paraguaio, combinada ao momento econômico e ao projeto de desenvolvimento do país, proporcionou mudanças a estas regiões, que vão desde a expropriação do camponês e indígenas de suas terras a costumes vividos por esta população (ALBUQUERQUE, 2005; FIOROTTI e CARDIN, 2016). Para além disso, o comércio de madeiras e de mercadorias importadas também mobilizou muitos brasileiros

Guairá/PY.

para estas regiões de fronteira. Logo, os “da classe média pra cima”, citados pela entrevistada, compõem parte desta população que se articulou e/ou se beneficiou de um tipo de projeto econômico para o país

Mesmo vivendo no Paraguai desde a década de 1960, para Maria Cleuza o outro não é o estrangeiro brasileiro, grupo ao qual ela se enquadraria. Ela já identificou o outro como os “árabes”, responsáveis pela expansão comercial. Neste momento da entrevista, identifica dentro do Paraguai como o outro a própria população nacional de baixo poder aquisitivo, que migra de outras regiões do país em busca de sobrevivência ou melhores condições de vida. A referência a esta população como “pé de chinelo, os cuyarê, do pé sujo”, utilizada tanto no português, quanto no espanhol, indica como paraguaios de Salto del Guairá também estabelecem uma relação diferenciada com estes migrantes. Assim, a identidade assumida pela entrevistada, neste momento, aproxima-se mais de uma identificação com uma classe social do que com a nacionalidade (CARDIN, 2016).

A diferença de nacionalidade é um recurso de distinção com relação ao outro, recuperada neste momento também para expressar a disputa pelo mercado de vendas nesta fronteira. Da mesma forma, recorre-se à diferenciação entre o “nós” e os “outros” quando a constituição da cidade difere das expectativas criadas por parte do empresariado local.

Com a ampliação do turismo comercial em Salto del Guairá, emergiram conflitos em torno das diversidades culturais e das diferenças de comportamento entre os proprietários de lojas com relação ao lugar. Estes conflitos também foram expressos pelos trabalhadores, ao lidarem com isto no cotidiano de trabalho. Morena descreveu como percebe estas diferenças:

Eles são muito católicos, lá tem muito católico, são fervorosos, são bem mais firmes que no Brasil. Eles são de guardar dia de santo, de ir na missa todo domingo [...]. Que nem na sexta-feira santa, os donos de loja que são paraguaios mesmo, na quinta-feira da véspera, depois do meio-dia, eles já param de trabalhar. Eles seguem certinho, eles são bem mais religiosos do que a gente que é católico aqui no Brasil, bem mais! Os brasileiros não fecham as lojas nos feriados de dia santos, só que quando a prefeitura dá ordem de fechar, aí as lojas que ficam abertas ganham multa. Mas os brasileiros teimosos e os árabes ficam lá, pagam a multa, mas continuam aberto. Os paraguaios não, eles fecham a loja, eles não têm assim essa ganância, porque assim, brasileiro e árabe vão lá e são muito gananciosos. Se fala assim, “ah, assim, tem que fechar dia de sábado porque é algum dia de religião”. Ah, Deus o livre! É uma guerra dos brasileiros e dos árabes contra os paraguaios. Eles vão na prefeitura, fazem de tudo pra não fechar. Agora, se você falar pros paraguaios, na hora eles vão aceitar, eles topam, eles fecham. Não tem essa ganância, de falar que não, que precisam abrir porque amanhã vai dar bastante gente e eles têm que vender. Tem uma visão diferente. Agora, aqui no Brasil, brasileiro fecha, agora vão lá os brasileiros e os árabe e ficam brigando, brigando até ficar aberto²⁴.

Quando Morena recorre à expressão “guerra” refere-se à disputa pelo mercado entre proprietários de lojas. Como trabalhadora estrangeira ocupada em Salto del Guairá, se sente atacada de ambos os lados neste conflito. As práticas dos empresários brasileiros respingam diretamente nas relações de convívio entre vendedores brasileiros e os trabalhadores nacionais. Por isso, trabalhar em dias santos é viver o constrangimento causado pelo rompimento de um costume com a qual Morena possui identificação com seus pares de nacionalidade diferente da sua.

“Ganância” é um dos termos usados por Morena ao comparar a diferença de comportamento dos empresários estrangeiros perante os nacionais. Ao dizer que estes últimos “têm uma visão diferente”, a

24. Morena, 22 anos. Entrevista gravada em maio de 2012 em Guáira.

entrevistada chama atenção para refletir como a relação deles com o lugar de vida pauta-se também em outros horizontes, para além da acumulação proporcionada pelo mercado de importados na fronteira. A descrição sobre a contradição do comportamento do empresário brasileiro (que adere ao calendário dos dias santos em seu país, mas não em outro), leva a refletir como a relação destes últimos com a cidade Salto del Guairá difere dos nacionais. Ter empresa neste lugar não significa necessariamente internalizar ou lidar com a cultura local ao ponto de seguir seus costumes, mesmo quando há proximidades com sua cultura.

Quando proprietários de lojas estrangeiros descumprem o calendário acordado entre a parcela dos empresários da cidade, organizados em associação comercial, e o poder público municipal; evidenciam que não há um projeto coeso entre todos os proprietários de lojas. As próprias multas indicam uma tentativa de controle que não consegue ter efeito. Os lucros obtidos em dia de feriado católico brasileiro que coincide com feriado católico paraguaio parecem compensar esses valores. Tais proprietários estrangeiros possuem uma relação com a cidade que se diferencia do pretendido inicialmente por uma parte do empresariado local quando incentivou a vinda de “investidores”. A abertura do mercado paraguaio à entrada de mercadorias importadas oriundas de outros países com a baixa cobrança de impostos significou, entre outros motivos, um processo de mudança marcante em algumas cidades fronteiriças com o Brasil.

No caso de Salto del Guairá, contribui para estas mudanças a articulação de todo um empresariado nacional e estrangeiro em aproveitar alguns fatores econômicos, políticos e sociais no final da década de 1990. Entre eles, o aumento da fiscalização por parte do Brasil na Receita Federal de Foz do Iguaçu e toda a infraestrutura financiada pelo

Estado brasileiro com a construção da Ponte Ayrton Senna, feita para promover maior agilidade no transporte de soja, milho e gado entre o Estado do Mato Grosso do Sul e do Paraná. O rápido crescimento do mercado de comercialização de produtos importados em Ciudad del Este e, conseqüentemente, a concorrência e a evidência das desigualdades sociais tiveram algum peso na visualização de Salto del Guairá como um lugar para investidores que já possuíam trajetórias neste mercado.

Após o marco de formação do Lago de Itaipu, combinada à abertura econômica do Paraguai, o poder público municipal de Salto del Guairá, assim como o de Ciudad del Este, já incentivavam um projeto de turismo comercial para suas cidades. A atuação desses agentes, combinada às facilidades de circulação de entrada e saída de moeda e mercadorias do país, também teve papel importante para atrair estes investidores. No final da década de 1990, o poder público municipal de Salto del Guairá recuperava as perspectivas atribuídas ao projeto de crescimento econômico para a cidade, quando denunciava a presença de trabalhadores brasileiros não regulamentados:

Ilegales costará caro a los comerciantes. Comuna exigirá legalización de empleados brasileños.

La municipalidad de esta capital departamental clausurará los comercios que no cumplan con el código laboral vigente en nuestro país, principalmente, en lo relativo a contratación de extranjeros. Tampoco serán habilitados negocios cuyos funcionarios no residan legalmente en el municipio. El objetivo es frenar la invasión de mano de obra extranjera²⁵.

Quando o poder público municipal recorreu à ameaça de que “[...]

25. DUARTE, Rosendo. *Ilegales costará caro a los comerciantes. Comuna exigirá legalización de empleados brasileños. O Paranazão*, 13 de novembro de 1997. p. 4. Edições n. 51 a n. 100.

tampoco serán habilitados negocios cuyos funcionarios no residan legalmente en el municipio [...]”, indicou a necessidade de tomar medidas punitivas para tentar manter suas perspectivas sobre a cidade pretendida por eles. Apenas uma parcela do empresariado parece concordar com esta expectativa, já que o anúncio de punição é dirigido a todos empresários da cidade. Cabe enfatizar que a ação do poder público também foi pressionada por trabalhadores nacionais que não conseguiram vagas neste mercado de trabalho. Assim, em conjunto a esta disputa, acentuaram-se as referências à nacionalidade para distinguir as pessoas com direito ou não de desfrutar deste projeto.

O projeto de turismo comercial pretendido pela cidade não foi e nem é homogêneo entre a classe dominante local. Entre os empresários locais de Salto del Guairá, que se consolidaram entre 1970 e 1990, muitos deles apresentaram nas entrevistas interesses divergentes desta perspectiva defendida pelo poder público municipal. Entre eles, a discordância sobre o perfil de força de trabalho a ser contratada.

A contratação de estrangeiros em Salto del Guairá, no final da década de 1990, articulou-se à necessidade de uma força de trabalho com perfil que se adequasse à expectativa de vendas ao público consumidor pretendido. Entre outros motivos, tornava-se mais atrativo economicamente a contratação destes trabalhadores do que investimentos para qualificação da força de trabalho local e nacional. Assim, alguns empresários argumentaram que recorreram aos “empleados brasileños”:

Aqui na loja mesmo é mais paraguaio que brasileiro. Já teve mais brasileiros. É que agora tem mais opção de dentro, dos jovens que vem pra aqui na cidade, já tem umas três universidades, e pra estudar sustentam o estudo com o trabalho, mas até pouco tempo atrás a oferta de mão de obra era mais de gente do Brasil. Era visível, funcionários pegavam carona de Guaíra e de Mundo Novo. Para

mim era indiferente de onde vinha. A minha mulher é brasileira e os meus filhos são meio a meio, estudam no Brasil. Mas em geral aqui, num há, principalmente com Guaíra, os laços assim, tem bastante com gente de Guaíra e Mundo Novo. Num se percebe assim uma discriminação. Tanto porque aqui quase todos os colonos da soja são brasileiros. Só que aqui dentro é normal.²⁶

Ao dizer “era indiferente de onde vinha”, o interesse era em ter força de trabalho de baixo custo e sem necessidade de maiores investimentos em qualificá-la. Não se trata de dizer que não havia trabalhadores procurando envolver-se neste mercado de trabalho, mas de terem no outro lado da fronteira uma oferta abundante de força de trabalho dentro do perfil pretendido.

Na entrevista com o empresário, as universidades são colocadas como marco para presença de trabalhadores com perfil diferenciado daqueles da década de 1990. Estes últimos, em alguns casos, eram oriundos de ocupações no campo ou com outros tipos de trajetórias ocupacionais na cidade, por exemplo: mulheres envolvidas no trabalho doméstico, com baixa escolaridade e com dificuldades no idioma português. Esta parcela possuía um tipo de qualificação e perfil diferente do pretendido para o trabalho nas vendas em lojas de importados.

Contudo, cabe ressaltar como a experiência de vida deste entrevistado também influencia na forma como interpreta esta diferença de nacionalidade. Edu, além de ser casado com uma brasileira, também teve parte de sua trajetória de vida no Brasil. Filho de uma família abastada, teve uma formação e um círculo de relacionamentos diferente da maioria da população de Salto del Guairá.

26. Edu, 50 anos, nacionalidade paraguaia, residente em Salto del Guairá e proprietário de loja. Entrevista gravada em outubro de 2013, realizada em Salto del Guairá pela autora em conjunto a Eric G. Cardin. Fala do entrevistado traduzida durante a transcrição da gravação.

Diferente da perspectiva deste empresário, outra parcela do empresariado local de Salto del Guairá enfatiza a relevância da nacionalidade do trabalhador na hora da contratação. Dalva falou sobre isto:

Eu comecei a trabalhar com 19 anos, já com meu negócio. Por isso que está há 32 anos, era pequeno, como todo mundo começa pequeno. Já tinha funcionários paraguaios, sempre trabalhei com paraguaios. Nunca brasileiros [...] porque eles querem fazer normas no trabalho, e você não pode viver no país de outro e dizer que não vão fazer isto, que não sabem isto. O brasileiro se querem achar. São deseducado, eles não se colocam no lugar. [...] Quando comecei era eu, dois funcionários e marido.[...] Hoje já tenho 7 funcionários, já chegou a ter 20, quando o real tava bem, em 2008.²⁷

Quando a entrevistada destaca a diferença de perfil entre os trabalhadores mobilizados em Salto del Guairá não se ampara somente na nacionalidade e nem fala sobre a qualificação dos mesmos. Recorre ao comportamento deles em meio à relação de exploração da força de trabalho. Sua fala evidencia o estranhamento do trabalhador estrangeiro às leis e acordos trabalhistas formais e informais estabelecidos neste mercado de trabalho em Salto del Guairá. Estes brasileiros já trazem consigo trajetória ocupacional e/ou de vida com relações de trabalho diferentes das vividas nesse lugar. O termo “não colocarem-se no lugar”, para referir-se ao perfil do trabalhador brasileiro, expressa a não aceitação deste vendedor a muitos acordos informais de trabalho, em que são estabelecidas condições que extrapolam até mesmo a própria legislação paraguaia.

Em meio a esta diferenciação entre a força de trabalho nacional e estrangeira, a prioridade na contratação da força de trabalho nacional por parte de Eva acaba indo de encontro à perspectiva de desenvolvimento econômico pensado para a cidade por parte do poder público

27. Dalva, 56 anos. Entrevista gravada em outubro de 2013 em Salto del Guairá/PY.

municipal e afirmado nos meios de comunicação locais. Entretanto, a relação estabelecida entre esses moradores e empresários de Salto del Guairá com a identidade nacional, também é recuperada para expressarem como se percebem nas relações cotidianas com o outro.

A vendedora Morena enfatizou as dificuldades percebidas ao diferenciar a relação com os vizinhos de lojas de acordo com a nacionalidade deles. Sua descrição é longa, mas expressiva para entender parte destas relações:

[...] Assim, lá no Shopping Salto, quando eu trabalhei lá, quase não tinha, assim, paraguaio mesmo, as lojas por perto eram tudo quase que de brasileiros mesmo ou de árabes. Agora, ali mesmo no centro onde eu trabalhei, ali era tudo paraguaio mesmo, minhas vizinhas eram tudo paraguaia mesmo. Assim, eles são meio traçoeiros, eles se fazem de amigos, mas depois, se você precisar deles pra qualquer coisa, você não precisa contar com eles, que eles não ajudam mesmo. É meio difícil de lidar com eles. É poucas pessoas ali que eu conheci, que eu consegui lidar com eles, que eu consegui fazer amizade. Porque o resto assim, que o dia que você precisar deles, você pode esquecer. [...] Porque eles não ajudam, não ajudam mesmo. [...] Agora, se você colocar uma lata de refrigerante da mesma que eles têm, eles te condenam, assim, todo mundo coloca as coisas iguais, mas se um brasileiro colocar, eles condenam o brasileiro, porque eles sabem que o brasileiro vende mais, porque fala mais, se colocar algo igual ao do deles. Então, isto é uma coisa que acaba distanciando eles, é a questão da concorrência, eles têm medo de você colocar a mesma coisa que eles e começar a vender mais que eles. É que nem acontecia, o meu patrão ia, comprava as coisas, eles viam e colocavam as coisas iguais, e eu nunca reclamei, mas se eu estava vendendo mais que eles, eles viravam a cara pra mim. Tipo assim, no fim de semana, eles ficavam o tempo todo cuidando para ver o que eu estava vendendo, se eles soubessem, vamos supor, que eu estava vendendo mais manta que eles, eles viravam a cara, eles não conversavam comigo o dia inteiro, porque eu estava vendendo mais do que eles²⁸.

28. Morena, 22 anos. Entrevista gravada em maio de 2012 em Guáira-PR.

Morena que, em alguns dos empregos, assumiu o cuidado sobre as lojas, por vezes, inverteu a relação entre trabalhadora e proprietária na internalização das responsabilidades que lhe eram atribuídas, por ter que responder pela falta de mercadorias no estoque da loja. A entrevistada trabalhou em lugares com um perfil de proprietários de lojas e consumidores distintos. As inúmeras pequenas lojas na Avenida Paraguay e suas ruas próximas possuem proprietários de diferentes nacionalidades como brasileiros, libaneses e chineses. Entretanto, são lugares onde há maior concentração de proprietários e trabalhadores de nacionalidade paraguaia. Já os dois *shoppings* citados na entrevista são dos chamados “investidores estrangeiros”, sendo ocupados a maioria por proprietários de lojas brasileiros e libaneses. A concorrência entre proprietários de lojas de nacionalidade paraguaia e empresários imigrantes que se ocupam dessas brechas do capitalismo na fronteira, abrindo comércio onde há possibilidade de lucros, tem impacto direto sobre os trabalhadores.

Quando recorre ao termo “traíçoeiros”, Morena não nega que há amizade entre os vendedores de nacionalidade paraguaia, mas que, dependendo do que se compartilha, esta relação de amizade pode ser distanciada. O relato de Morena recupera situações onde o bom convívio entre paraguaios e brasileiros não é negado. Porém, este convívio possui limites. A solidariedade não é necessariamente algo a ser constantemente compartilhado com estrangeiros que disputam sua sobrevivência no mercado de importados na fronteira. Há códigos de conduta e comportamentos entre estes trabalhadores que não são estendidos a outros trabalhadores de nacionalidade diferente da sua. A troca cultural e o convívio entre estes vendedores possuem especificidades e limitações que servem para amparar o reconhecimento entre os seus pares nacionais e de mesma ocupação. Estes limites são re-

corridos para a própria afirmação da identidade destes trabalhadores, tanto paraguaios, quanto brasileiros.

A esse respeito, o estudo etnográfico realizado por Fernando Rabossi (2004) em Ciudad del Este, indica que as fronteiras étnicas entre os trabalhadores não se restringem às disputas do mercado ao respingarem em situações cotidianas. Entre as diversas observações empíricas destacadas pelo autor, o simples ato de beber cerveja ganha significado e apresenta fronteiras silenciosas. Embora brasileiros e paraguaios convivam num mesmo espaço de trabalho, estes não costumam compartilhar o mesmo copo de cerveja com os brasileiros, prática que representa um sinal de companheirismo entre os trabalhadores paraguaios. Por meio de experiências como esta, o autor traz elementos para analisar como a fronteira entre os trabalhadores de nacionalidade brasileira e paraguaia transparecem ou são firmadas nos momentos de sociabilidade ou na cotidianidade entre aqueles que possuem maior identificação entre eles.

O ressentimento vivido pela população trabalhadora local de nacionalidade paraguaia, por lidar com a concorrência de imigrantes trabalhadores, muitas vezes é expresso na diferenciação e distanciamento com o outro quando se percebem em relação desigual. Os vendedores de lojas estão na ponta deste processo de acumulação capitalista, lidando com conflitos e pressões geradas por esse processo na fronteira.

Considerações Finais

A presença de trabalhadores brasileiros não regulamentados em Salto del Guairá e a existência de paraguaios nas mesmas condições nas cidades de Guaíra ou Mundo Novo não é um aspecto novo nesta

fronteira. A circulação destes trabalhadores entre os países não tem se fixado nas demarcações legais dos limites internacionais, mas, entre outros, na busca por sobrevivência e/ou na tentativa de melhores condições de vida que as diferenças econômicas e políticas entre estes países podem oferecer.

Não é uma prática comum dos vendedores brasileiros de lojas ou ambulantes mudarem-se para Salto del Guairá. Muitos destes já possuem seus círculos de relacionamento, família e moradia em uma destas duas cidades brasileiras fronteiriças. A não imigração permanente por parte dos vendedores brasileiros igualmente ocorre pela comparação entre as estruturas na saúde, educação e no custo de vida entre as cidades. O rápido crescimento comercial da cidade implicou no encarecimento do custo de vida para a população trabalhadora e na piora dos serviços públicos como luz e água. Como Perla, moradora de Salto del Guairá elucidou:

aqui em Salto o custo de vida é bem alto, em relação, por exemplo, por aqui tudo vem de fora, tudo é mais caro, aluguel, água, luz, comida, vestuário, a cesta básica, é caro em comparação a outras cidades como Assunção, que é centro²⁹.

Sobre os conflitos entre nacionalidades, podemos elencar ao menos três elementos considerados aqui como fundamentais. Primeiro, o que contribui para emergência desses conflitos é a disputa de mercado gerada por esse comércio na fronteira. Segundo, esses conflitos também passam pelas diferenças entre classes sociais. Terceiro, historicamente, na expansão capitalista prevalece o domínio econômico do Brasil sobre o Paraguai, o que tem peso na formação cultural do preconceito e dos conflitos em torno da nacionalidade entre estes tra-

29. Perla, 32 anos, nacionalidade paraguaia. Entrevista gravada em maio de 2012, realizada em Salto del Guairá/PY.

balhadores que vivem em Salto del Guairá.

Referências

ALBUQUERQUE, José L. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai*. Fortaleza. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

CARDIN, Eric Gustavo. Ituzaingó não é Winston Parva ou como os permanentes se tornam outsiders. *Revista Ambivalências*, v. 04, n. 08, 2016.

FIOROTTI, Cíntia. *História de trabalhadores e do trabalho na fronteira Brasil-Paraguai (1960–2015)*. Tese (Doutorado em História). UFU: Uberlândia, 2015.

FIOROTTI, Cíntia; CARDIN, Eric Gustavo. Migrações paraguaias na faixa de fronteira do Brasil: identidades, circularidades e redes transnacionais. *Século XXI: Revista de Relações Internacionais*, v. 7, p. 53–71, 2016.

PORTELLI, A. Sonhos Ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, n. 10, dez., 1993, p. 41-58.

RABOSSI, Fernando. *Nas ruas de Ciudad del Este: Vidas e vendas num mercado de fronteira*. Rio de Janeiro. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2004.

_____. Como pensamos la Triple Frontera? In: *La Triple Frontera. Dinámicas culturales y procesos transnacionales*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2010. p. 21-46.

Resumo:

O crescimento comercial em Salto Del Guairá/PY tem aumentado os números de trabalhadores brasileiros que têm se deslocado diariamente de Guaíra/PR e Mundo Novo/MS a fim de trabalharem como vendedores em lojas no país vizinho, bem como, em outras atividades ligadas ao transporte e à comercialização de mercadorias na fronteira. Neste estudo buscamos analisar as contradições e conflitos em torno do trabalho e do mercado em Salto del Guairá, problematizando algumas das dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores locais e por outros sujeitos que buscam nesses lugares formas de sobrevivência. O estudo busca analisar as diferenças entre a fronteira almejada por uma parcela da classe dominante local e aquela vivenciada pelos trabalhadores. Para tanto, utilizamos fontes orais com proprietários de lojas e vendedores e as análises de matérias veiculadas no jornal local Rio Paranazão.

Palavras-chave: Mercado; Fronteira; Trabalho.

Abstract:

Commercial growth in Salto Del Guairá / PY has increased the number of Brazilian workers who have daily moved from Guaíra / PR and Mundo Novo / MS to work as vendors in stores in the neighboring country, as well as in other activities transport and marketing of goods at this border. In this study we seek to analyze the contradictions and conflicts surrounding work and the market in Salto del Guairá, problematizing some of the difficulties faced by local workers and by other individuals who seek in these places ways of survival. The study seeks to analyze the differences between the border sought by a portion of the local dominant class and that experienced by the workers. To do so, we use oral sources with owners of stores and vendors and the analysis of material published in the local newspaper Rio Paranazão.

Keywords: Market; Border; Job.

Recebido para publicação em 05/05/2018.

Aceito em 09/06/2018.